

RELAÇÕES PARENTAIS: UM OLHAR DE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICA E PRIVADA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE- PB

Alanna Silva dos Santos; Bianca Silva Araujo; Louise Gabrielle Cardoso dos Santos; Laura Dantas Silva; Ana Cristina Rabelo Loureiro.

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Resumo: A instituição familiar vem sofrendo modificações ao longo do tempo, entretanto, esta instituição ainda é, reconhecidamente, uma das principais responsáveis pela educação de crianças e adolescentes. Diante destas modificações, questiona-se sobre a forma como os pais devem se relacionar com seus filhos e fomentam-se interesses de vários pesquisadores sobre a influência das relações parentais no desenvolvimento do adolescente. Nessa perspectiva, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o olhar de adolescentes sobre as relações parentais, buscando-se, especificamente, caracterizar os tipos de estilos e práticas educativas dos pais, de acordo com a visão dos seus filhos. Os participantes deste estudo foram 30 adolescentes de 13 a 15 anos, estudantes de escolas pública e privada, da cidade de Campina Grande-PB. Os dados foram coletados por meio de um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. A análise das entrevistas fundamentou-se na técnica da análise de conteúdo bardiniana, enquanto que os questionários foram analisados por meio do SPSS Statistic, versão 22.0. Os resultados indicaram que os adolescentes caracterizaram o estilo parental de seus pais como autoritário, com o uso de práticas punitivas e coercitivas. Por outro lado, os participantes destacaram a importância do diálogo na relação entre pais e filhos, principalmente como prática eficiente para o controle dos comportamentos inadequados. Os resultados indicaram também a existência de regras no ambiente familiar, estabelecidas pelos pais, de forma impositiva. Evidencia-se a capacidade crítica dos adolescentes analisarem as relações parentais, identificarem as características de seus pais, suas necessidades e as possibilidades de modificação destas relações.

Palavras-chave: relações parentais; práticas educativas; estilos parentais; adolescentes.

INTRODUÇÃO

Desde os tempos remotos a família é identificada como uma instituição muito importante para a sociedade, exercendo um papel fundamental na formação de valores dos filhos. Reconhece-se, no entanto, que a estrutura familiar vem sofrendo modificações ao longo do desenvolvimento da sociedade, com consequências diretas sobre as práticas educativas e os estilos parentais adotadas pelos pais, variando de família para família, dependendo do contexto social, cultural e econômico que está inserida.

Analisando as modificações na estrutura familiar, Galano (2006) argumenta que o modelo idealizado de família, composto por mãe, pai e filhos, deixou de predominar na contemporaneidade, ocasionando, assim, o surgimento de diversos tipos de família, modificando valores, normas e costumes, tornando as relações familiares mais fluidas. Contudo, apesar das transformações no contexto familiar, Patias, Siqueira e Dias (2013)

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

afirmam que os pais ainda exercem papel fundamental na aprendizagem de valores, normas e costumes dos seus filhos.

Apesar de todas as modificações, o ambiente familiar é, salvo exceções à regra, o primeiro lugar que a criança, nos seus primeiros anos de vida, está inserida, propiciando as condições básicas para o seu desenvolvimento. Assim, especificamente na primeira etapa da vida, estudos científicos ressaltam que os pais são os principais responsáveis para suprir as necessidades biológicas, afetivas, cognitivas e sociais da prole (ANDRADE et al. 2005; DESSEN & POLÔNIA, 2007). Ademais, verifica-se que ainda há uma divisão clara de papéis dos pais e das mães no processo educativo da prole, sendo a mãe apontada como principal responsável pela formação de valores morais de seus filhos, como indicam os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013).

Considerando a importância da família, várias áreas de conhecimento científico têm procurado investigar as diversas influências que esta instituição pode exercer não somente sobre o cidadão, mas sobre os grupos e organizações sociais. Especificamente na Psicologia, um dos teóricos que se destacou no estudo do desenvolvimento humano foi Piaget (1977; 1998) que reconheceu a relevância da família para a formação da criança e do adolescente, considerando as dimensões sociais, afetivas, cognitivas e morais. Especificamente na dimensão moral, o referido autor argumenta que as relações democráticas e o respeito mútuo, estabelecidos entre crianças, adolescentes, pais e professores, são fundamentais para o desenvolvimento da autonomia do sujeito, envolvendo os sentimentos de justiça e cooperação. Nesse sentido, Piaget defende que a qualidade das relações socioafetivas desenvolvidas entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento da criança e do adolescente, considerando as diferentes dimensões humanas.

Baumrind (1971), a partir de uma perspectiva sociocognitiva, estudou os efeitos das práticas educativas no desenvolvimento das crianças e concluiu que o tipo de estilo parental dos pais influencia de maneira determinante na forma como os filhos se relacionam com o outro e com a sociedade de uma maneira geral. Assim, a referida autora propôs três estilos parentais que integram aspectos comportamentais e emocionais presentes nas relações entre pais e filhos, visando o controle dos comportamentos indesejados. Esses estilos foram classificados em: 1) estilo autoritário onde os pais tentam controlar e modelar o comportamento de forma rígida com poucas comunicações e afetos; 2) estilo autoritativo, direciona as práticas educativas de forma racional, estabelecimento de limites, regras e valores, por meio do diálogo e da forma afetiva; 3) estilo permissivo, caracterizado pelo excesso de cuidado, atenção e apoio emocional, mas poucas exigências e baixa comunicação.¹

Reconhecendo a importância das relações parentais no desenvolvimento socioafetivo da criança, Hoffman (1975) distingue dois tipos predominantes de estratégias educativas: 1) as indutivas que se caracterizam pelo controle indireto, com a utilização de explicações e negociações; 2) as estratégias coercitivas caracterizam-se pela aplicação direta da força, do controle, da imposição, incluindo a punição física, a privação de privilégios e afetos, como também o uso de ameaças. A partir da classificação dessas estratégias o referido autor, desenvolveu estudos cujos resultados permitiram inferir que o uso de estratégias punitivas favorece o desenvolvimento da insegurança e do isolamento nas crianças e adolescentes. Por outro lado, a estratégia indutiva, promove, dentre outras coisas, a segurança e a autonomia do sujeito.

Especificamente em relação à adolescência, chama-se a atenção para o fato de que essa fase da vida é caracterizada por modificações psicológicas (autonomia e tomada de decisão), biológicas (mudanças corporais e hormonais) e sociais (no estabelecimento das relações sociais e mudança no ambiente escolar) (WINDLE, 1992 citado por Baptista; Baptista; Dias, 2001), essas alterações geralmente são acompanhadas por conflitos, principalmente na relação parento-filial, devido a tendência ao questionamento e ao sentimento de independência. Nesse sentido, pontua-se que, de acordo com teorias psicológicas (PIAGET, 1977; KOHLBERG, 1976; HOFFMAN, 1990), as relações parentais repercutem nos comportamentos e hábitos dos adolescentes, até mesmo no momento de tomada de decisão, na construção da identidade, no estabelecimento das relações interpessoais e no desempenho escolar.

A partir das contribuições teóricas, alguns estudos empíricos foram desenvolvidos para analisar os efeitos das relações parentais, considerando os mais diversos aspectos. Na revisão de literatura realizada por Barreto e Rabelo (2015) a relação pais-adolescentes e as implicações decorrentes dessa estrutura familiar contemporânea são aspectos pontuados com o objetivo de proporcionar a reflexão e compreensão dos desafios decorrentes desse grupo social. Reconhecendo a influência das novas configurações familiares, as autoras reiteram a importância das relações parentais para o desenvolvimento dos filhos e argumentam que os pais são os primeiros educadores dos filhos e, portanto, possuem o papel de ensiná-los, contribuindo para que estes sejam inseridos e interajam com o meio social. Para tanto, as autoras enfatizam a importância do equilíbrio na relação parento-filial, alcançado quando o diálogo, a responsabilidade, o respeito e o afeto estão presentes.

Uma pesquisa realizada por Weber e colaboradores (2004) com o objetivo de investigar as práticas educativas dos pais a partir dos estilos parentais, com 239 crianças de

escolas municipais da região de Curitiba e seus respectivos genitores ou responsáveis, os resultados indicaram que os pais tendem a adotar uma prática educativa e/ou estilo parental mais exigente com as filhas, do que com os filhos. Essa discrepância pode estar relacionada com os valores e pré-conceitos que foram desenvolvidos ao longo do desenvolvimento da sociedade.

De acordo com a pesquisa desenvolvida por Prata e colaboradores (2013) com 222 adolescentes com idades entre 14 a 16 anos, evidenciou-se que os filhos de pais cujas práticas educativas são de aceitação e monitoração, apresentam níveis mais elevados no desenvolvimento vocacional, quando comparados com os adolescentes cujos pais utilizam práticas educativas coercitivas. Ainda em relação à mesma pesquisa, os resultados indicam uma correlação positiva entre a aceitação e monitoração parental, o rendimento escolar dos adolescentes e o investimento vocacional.

Considerando as contribuições de Broecker e Jou (2007), o estilo parental e a prática educativa estão diretamente relacionados à vulnerabilidade dos adolescentes para o uso de substâncias psicoativas. Os resultados desta pesquisa indicam uma correlação positiva entre as estratégias educativas coercitivas (excesso de exigência e controle por meio da culpa e da autoridade, da intromissão e da esquiva na relação) e o uso abusivo de drogas.

Diante do referencial teórico e dos estudos empíricos desenvolvidos questiona-se: qual o olhar dos adolescentes sobre as relações parentais, considerando as diferentes idades e contextos sociais? Como os adolescentes caracterizam os estilos e as práticas educativas de seus pais? Para responder a essas questões, realizou-se uma pesquisa, vinculada ao PIBIC-CNPq/UEPB, como objetivo analisar o olhar dos adolescentes entre 13 a 15 anos sobre as relações parentais nas escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande-PB. Buscou-se, especificamente, caracterizar os tipos de estilos parentais e de práticas educativas predominantes nas famílias de acordo com a visão dos adolescentes.

METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa qualitativa do tipo descritivo, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, por meio da RESOLUÇÃO 466/2012.

Os participantes do estudo foram 30 adolescentes, sendo 15 pertencentes a uma escola pública e 15, a uma escola privada, do nível fundamental II e ensino médio, na cidade de Campina Grande-PB. A idade destes participantes variou entre 13 a 15 anos incompletos (sendo cinco estudantes para cada faixa etária). A escolha dos participantes aconteceu de

forma aleatória não havendo discriminação do gênero, dependendo do interesse na participação na pesquisa e da respectiva autorização dos pais, por meio da assinatura no Termo de Compromisso Livre e Esclarecido- TCLE.

Os instrumentos utilizados foram: um questionário sociodemográfico e uma entrevista semiestruturada. Após os primeiros contatos, foi solicitado que os adolescentes respondessem, de forma escrita, o questionário sociodemográfico. Em seguida, foram realizadas as entrevistas, individualmente e gravadas com duração média de 10 minutos. A aplicação de ambos os instrumentos ocorreram nas dependências da própria escola e em horários previamente determinados pelos respectivos professores dos participantes.

Os dados das entrevistas foram analisados fundamentando-se no método de análise de conteúdo apresentado por Bardin (2009) de acordo com as seguintes etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação do pesquisador. Foi utilizado o software SPSS Statistic, versão 22.0 para a análise dos dados do questionário sociodemográfico e para o teste do Qui-quadrado (X^2), visando aferir se existe diferenças significativas entre as frequências de respostas às categorias, identificadas em cada amostra e em cada questão. Ressalta-se, ainda, que as categorias, foram identificadas por meio da técnica de análise de conteúdo semântica, fundamentada em Bardin (2009) e submetidas ao julgamento de 6 juízes, com aceitação de 100%.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O primeiro aspecto de grande relevância a ser destacado é que não se verificou diferença significativa entre as frequências de respostas às categorias, considerando o nível socioeconômico e as diferentes idades dos participantes. Tais resultados vão de encontro aos encontrados no estudo de Carmo e Alvarenga (2012), os quais indicam que os estilos parentais, assim como as práticas educativas diferem de acordo com o nível socioeconômico e a cultura dos pais.

Destaca-se, diante dos resultados obtidos que 83,33% costumam conversar com seus pais e o tipo de conversa foi identificado nas seguintes categorias: *Questões pessoais*, agrupando respostas relativas às relações sociais, transtorno de ansiedade, depressão, bullying, preconceito, programas de televisão, amizade, aconselhamento, vida pessoal, namoro, sexualidade, como ilustram as seguintes falas: “... sobre, relacionamento, tipo, a gente ta entrando na adolescência, então começa a namorar, então tem que ter essa abertura pra falar sobre isso também” (S23.14); *Escola* - identificando as respostas relativas ao

cotidiano da escola, como ilustra o exemplo: “*Coisa de escola, sobre as notas, é... essas coisas assim*” (S6.14); *Respostas indefinidas* – agrupando respostas que indicam a existência da conversa, mas não especifica qual, como se observa no seguinte exemplo: “*Ai, eu converso sobre tudo*” (S 20.13); *Diversão*, caracterizando respostas relativas aos comportamentos de sair para diversos lugares, assistir novelas e filmes. Exemplos: “*... sobre programas, sobre filmes*” (S19.13).

A partir das categorias acima citadas foi realizado o cálculo do X^2 , indicando que houve diferença significativa entre frequência de respostas às categorias, como se observa na Tabela 1 a seguir:

TABELA 1. Frequência e Percentual de Respostas às Categorias Relativas ao tipo de conversa entre adolescentes e seus pais.

CATEGORIAS	F	%
Questões pessoais	23	39,65%
Escola	19	32,76%
Respostas Indefinidas	12	20,69%
Diversão	4	6,90%
TOTAL	58	100%

$X^2 = (3; N=58); 14,414; p<0,05$

Esses resultados podem indicar que, de acordo com o olhar dos adolescentes, há uma predisposição dos pais para estabelecer uma relação autoritativa com seus filhos, fundamentada no diálogo e no acompanhamento da vida dos filhos.

Estudiosos e teóricos como Piaget (1977), Baumrind (1966) e Hoffman (1975) reconhecem a influência do diálogo e das relações democráticas no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos adolescentes, proporcionando melhores condições no desenvolvimento da autonomia e no estabelecimento das relações interpessoais. Os estudos de Patias, Siqueira e Dias (2013) indicam que as questões afetivas na relação entre pais e filhos, como atenção, carinho e o diálogo são considerados fatores essenciais para o desenvolvimento saudável, influenciando positivamente no bem-estar psíquico da prole, como também, na autoconfiança.

Note-se que ao se questionar a quem os participantes recorrem quando querem pedir alguma coisa, obteve-se aos seguintes resultados: 66,67% responderam que recorrem a mãe, 16,67% das respostas indicaram que recorrem ao pai e 16,67% recorrem tanto a mãe quanto ao pai. Tais resultados corroboram os encontrados no estudo de Wagner e colaboradores (2002) ressaltando que, apesar das transformações da sociedade a respeito do papel da mulher na família e no mercado de trabalho, ainda cabe a ela a função de cuidadora dos filhos e do lar. Ademais, os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015)

confirmam que a identidade da mãe é diretamente associada ao cuidado do filho e à proximidade emocional da sua prole.

Destaca-se ainda que foi possível identificar como os pais dos adolescentes participantes controlam os comportamentos indesejados dos seus filhos, por meio da identificação das seguintes categorias: *Reclamam/Brigam*, agrupando falas vinculadas a reclamar, ficarem bravos, estressados, brigar, ficar chato, com raiva e usar a ignorância, como ilustram os exemplos: “... *eles brigam*” (S23. 14), “... *só reclama, só fala*” (S25. 14); *Punem* reunindo respostas referentes às atitudes de bater e colocar de castigo, como ilustram as seguintes falas: “... *eles batem em mim, certeza*” (S18. 13), “... *algumas vezes ela me deixa de castigo por causa que eu insisto “pra” não fazer*” (S16.13); *Dialogam*, identificada pelas falas que remetem a ensinamentos, orientações e conversas, como se observa no seguinte exemplo: “*Ai... minha mãe faz... vai lavar louça e eu falo mesmo assim... eu prefiro lavar o banheiro. Ai ela faz, você já tem idade “pra” fazer essas coisas, aquele pequeno sermão*” (S6.14).

Conforme os resultados obtidos no Teste do X^2 verificou-se uma diferença significativa entre as frequências de respostas às diferentes categorias, como pode ser verificado na Tabela 2, a seguir:

TABELA 2. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”

CATEGORIAS	F	%
Reclama/briga	43	75,44%
Punem	08	14,03%
Dialogam	06	10,53%
TOTAL	57	100%

$X^2 = (2; N=57); 45,579; p<0,05$

Os resultados demonstrados indicam que, de acordo com o olhar dos adolescentes, as práticas educativas dos pais, relacionadas ao controle do comportamento dos filhos, são caracterizadas como coercitivas, já que não ocorre o diálogo e existe a imposição da conduta dos filhos, sem que haja justificativa para tal. Tais resultados são preocupantes, considerando que as pesquisas de Ceconello, Antoni & Koller (2003), Gomide (2006), Pacheco et al. (2012) e Patias, Siqueira & Dias (2013), enfatizam que a prática educativa coercitiva representa um fator de risco no desenvolvimento e na adaptação do sujeito e propiciam maiores probabilidades no envolvimento dos filhos com drogas e comportamentos inadequados, baixo rendimento escolar e baixa autoestima. Tais resultados corroboram também a teoria de Hoffman (1990) a qual denota que as práticas educativas coercitivas

propiciam emoções negativas, problemas comportamentais e psíquicos, tais como, o medo, a insegurança e a ansiedade, assim como, interferem negativamente na resolução de problema e na capacidade de se adequar às diferentes situações.

Note-se que os resultados da pesquisa permitiram identificar a forma como os pais devem agir para controlar o comportamento dos filhos, de acordo com o olhar dos adolescentes participantes. Neste sentido, foram identificadas as seguintes categorias: *Dialogar*, identificando respostas relativas ao uso da estratégia do diálogo (conversar, explicar, dar conselhos, mostrar na bíblia) e da compreensão (ver o lado do adolescente, entender o adolescente, agradecer, dar mais liberdade aos filhos). Exemplo: “*Acho que deveria ter uma conversa “pra” convencer esse adolescente a fazer*” (S16.13); *Brigar/Punir* – remetendo ao agrupamento de respostas que indicam o comportamento de brigar (dar bronca, reclamar) e punir (puxar a orelha, retirar o celular) como estratégia para controlar o comportamento do filho, conforme ilustram as falas a seguir:“... *meio que castigar, tipo, não é um castigo rígido mas é privar ele de algumas coisas* (S11.15).

A Tabela 3, abaixo, contem as categorias relativas à resposta dos adolescentes em relação à questão “*Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pede*”. Note-se que, através do qui-quadrado (X^2), verificou-se diferença significativa entre essas categorias, sendo que *Dialogar* apresentou uma frequência mais alta e *Brigar/Punir*, frequência mais baixa.

TABELA 3. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pedem?”

CATEGORIAS	F	%
Dialogar	26	72,22%
Brigar/punir	10	27,78%
TOTAL	36	100%

$X^2 = (1; N= 36); 7,111; p<0,05$

Pontua-se que, de acordo com os resultados apresentados na Tabela 3, 72,22 % dos participantes consideram que a melhor estratégia de controle dos pais sobre os comportamentos indesejáveis é o diálogo, com ênfase na explicação e na compreensão. Esse resultado indica a capacidade do adolescente, independentemente da condição social, fazer uma leitura crítica da sua realidade e apontar a prática educativa que provoca maior condição

de controlar os comportamentos indesejáveis. Ademais, faz-se necessário considerar que esses dados contrariam o estereótipo de que o adolescente é rebelde e que tende a se isolar dos seus pais.

Por fim, destaca-se que se perguntou aos adolescentes se na casa deles havia regras, obtendo-se o resultado de que 86,67% dos participantes afirmaram que sim. Diante de tal resultado, foi questionado como essas regras foram estabelecidas, obtendo-se as seguintes categorias: *De forma impositiva* identificando-se respostas que indicam uma imposição de uma regra por parte dos pais, sem que tenha havido explicação para o fato, mas com um caráter punitivo. Exemplo: “E... essa regra de lavar louça e as tarefas foram aplicadas por causa que eu desobedecei muito minha mãe” (S16.13); *Naturalmente* remetendo ao agrupamento de respostas que indicam um processo de aprendizado de regras desde a infância, que foi sendo incorporado à vida do adolescente, conforme ilustram os seguintes exemplos: “Sempre existiu” (S17.13), “Desde pequeno” (S22. 14); *A partir do diálogo*, agrupando respostas que indicam um processo de conversação sobre o estabelecimento das regras à vida do adolescente, como ilustram as seguintes falas: “... eles me chamaram para conversar e disseram: olhe agora que você cresceu, as coisas vão começar a mudar, você vai querer sair, a gente vai ter que ir botando uns limites e foram falando” (S11.15); *Necessidade coletiva*, caracterizando as respostas que indicam a compreensão da necessidade da regra para não prejudicar o outro, como indica o exemplo: “O do sujou limpou porque como são cinco pessoas dentro de uma casa ai fica muito trabalhoso “pra” uma pessoa fazer as coisas, ai a gente tem que fazer um, cada um a sua parte” (S26.15).

A partir das categorias acima citadas foi elaborada a Tabela 4 e com a frequência de respostas indicadas nesta Tabela foi realizado o cálculo do X^2 para uma única amostra. O resultado indicou que houve uma diferença significativa entre as categorias.

TABELA 4. Frequência e Percentuais de Respostas às Categorias Relativas à Pergunta: “Como essas regras foram estabelecidas?”

CATEGORIAS	F	%
De forma impositiva	16	48,49%
Naturalmente	10	30,30%
A partir do diálogo	04	12,12%
Necessidade Coletiva	03	9,09%
TOTAL	33	100%

$X^2 = (3; N=33); 13,182; p<0,05$

Destaca-se, a partir dos resultados demonstrados na Tabela 4 que, de acordo com o olhar dos adolescentes, seus pais adotam um estilo parental predominantemente autoritário, sem que haja uma predisposição para o diálogo e a para compreensão diante do controle dos comportamentos dos filhos.

Esses resultados corroboram os encontrados na pesquisa realizada por Loureiro, Targino e Silva (2017) cujo objetivo era analisar as relações parentais sob o olhar de crianças de 6 á 12 anos, tanto de escolas públicas, quanto de escolas privadas da cidade de Campina Grande-PB. Os resultados indicaram que as crianças percebiam seus pais como figuras autoritárias porque estes utilizavam, predominantemente, práticas educativas coercitivas, caracterizadas pelo uso de palmadas, espancamentos e pela falta de diálogo.

Reitera-se, novamente a preocupação em relação aos resultados aqui encontrados, principalmente quando se verificam os achados de outros estudos realizados no Brasil, indicando a relação entre práticas educativas coercitivas, estilo autoritário e uma maior tendência dos filhos de apresentar problemas psicológicos, com necessidade de atendimento psicoterápico (BOLSONI- SILVA; MATURANO; LOUREIRO, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, inicialmente que o objetivo de analisar as relações parentais sob o olhar dos adolescentes foi atingido.

Enfatizam-se dois pontos muito importantes nestes resultados: 1) Os adolescentes demonstraram a capacidade crítica de analisar os estilos parentais e as práticas educativas desenvolvidas por seus pais, indicando que estes sujeitos devem ser ouvidos, reconhecendo-se os seus direitos de vez e voz na relação com seus pais. 2) De acordo com as respostas dos adolescentes sobre as práticas educativas adotadas pelos pais não se verificou diferença com relação ao contexto socioeconômico e à faixa etária.

Ficou evidente, de acordo com os dados obtidos pelas respostas dos adolescentes de escolas privada e pública, que o estilo autoritário e as práticas educativas coercitivas dos pais, predominam. No entanto, verificou-se que os participantes indicaram respostas que denotam a relevância do diálogo e da compreensão entre pais e filhos.

Espera-se que os resultados obtidos através desta pesquisa possam contribuir para analisar melhor a influência dos comportamentos dos pais e da educação para a formação de

um sujeito autônomo e crítico. Finalmente, espera-se sensibilizar os pais para que estes escutem seus filhos e reflitam sobre suas relações parentais, a partir do ponto de vista dos mesmos. Tais dados tornam-se mais relevantes quando se reconhece que muitos pais não levam em consideração as concepções que os filhos têm sobre esse tema e não percebem que o adolescente é um agente social, capaz de analisar criticamente os seus comportamentos e/ou experiências, além de produzir cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. A et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev Saúde Pública**, v. 39, n. 4, p. 606-11, 2005.

BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S. D.; DIAS, R. R. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 21, n. 2, p. 52-61, Jun. 2001 .

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando fam.**, Porto Alegre , v. 19, n. 2, p. 34-42, dez. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_art_text&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 ago. 2018.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, p. 2, 1971.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child development**, v 37, n,4, 1966, 887-907. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1126611>

BOLSONI-SILVA, A.T; MATURANO, M. E. & LOUREIRO, S. R. Estudos de Confiabilidade e Validade do Questionário de Respostas Socialmente Habilidosas Versão Pais. QRSH- Pais. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, v.24, n.2, 2011.

BROECKER, C. Z.; DE JOU, G. I. Práticas educativas parentais: a percepção de adolescentes com e sem dependência química. **PsicoUSF**, v. 12, n. 2, p. 269-279, 2007.

CARMO, P. H. B do, ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. **Estudos de Psicologia**, maio-agosto/2012; v.17, n. 2, 2012.

CECONELLO, A.M.; DE ANTONI, C. KOLLER,S. H. Práticas educativas , estilos parentais e abuso físico no contexto familiar . **Psicologia em Estudo**, Maringá, 2003; p.45-54.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, 2007.

GALANO, M. H. **Família e História: a história da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo,

2006.

HOFFMAN, M, L. Moralinternalization, parent power,and nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, 1975; 11, 228-239.

HOFFMAN, M. L. **The Contribution of empathy to justice and moral judgement.** In **W.M. Kurtines**, 7 J. L. Gewirtz (Eds.) Handbook of Moral Behavior and Development. v.1, New Jersey: LEA, 1990. IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013.

Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/default_minimos.shtm.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>.

KOHLBERG, L. Moral Stages and Moralization the Cognitive-developmental Approach. In: Likona, T. **Moral Development and Behavior: Teory, Research and Social Issues.** New York. Holt, Renhart and Winstson, 1976; 76-90.

LOUREIRO, A. C. R.; TARGINO, M. L.; SILVA, L. M. **Análise das relações parentais sob o olhar das crianças.** Pesquisa de PIBIC. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- PB, 2017.

PACHECO, J. T. B.; TEIXEIRA, M. A. P; GOMES, W. B. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v. 15, n. 2, 2012.

PATIAS, SIQUEIRA & DIAS. Os Direitos da Criança e do Adolescente na Percepção de Adolescentes dos contextos urbanos e rural. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 2, 2013.

PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança.** São Paulo: Editora MestreJou, 1977.

PIAGET, J. A educação da liberdade. In: S. Parrat- Dayan& A. Tryphon (Orgs). **Sobre a Pedagogia: textos inéditos**, 153-159. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1945), 1998.

PRATA, A. et al. O impacto dos estilos educativos parentais e do desenvolvimento vocacional no rendimento escolar de adolescentes. **Análise Psicológica**, v. 31, n. 3, p. 235-243, 2013.

WAGNER, A. et al. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002.

WEBER, L. N. D. et al. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004.